Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 405

21 DE MARÇO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hade haver seis mezes, n'uma das ultimas noites de Avenida do anno passado, quando eu vinha d'ali para casa no americano das onze e meia, encontrei no Rocio o D. João da Camara, que entrou no mesmo carro.

Começamos a conversar e uma das coisas que lhe perguntei logo foi como estava o *D. Affonso VI*.

Tinhamos já muitas vezes fallado largamente ácêrca de esse drama que ha mezes estava em gestação no seu cerebro: elle tinha-me contado por miudo o seu plano, tinha-me recitado varias scenas, á medida que as ia fazendo, e a belleza d'essas scenas que elle me recitára, tinham augmentado o interesse que naturalmente se tem pelos trabalhos dos nossos amigos — e João da Camara é dos meus mais queridos e intimos — com a curiosidade de artista, que inspira uma obra prima, pois advinhára uma obra prima por esses magnificos trechos que já conhecia.

—Então, o *D. Affonso VI*.

—Está prompto.

—Bravo!

—Vae aqui, disse-me elle mostrando-me um rolo de papel que trazia.

E depois perguntou-me logo:

—Vaes para casa?

—Vou.

—Tens que fazer?

—Tenho: tenho que ouvir a tua peça.

—Vê lá? É quasi meia noite, pode deitar até muito tarde. Se queres, combinamos outro dia.

—Massa-te agora lêr isso?

— Nada.

— Então anda para minha casa, disse-lhe eu quando o americano chegou á rampa de Santos.

— Vamos lá.

Apeamo-nos e d'ali a nada, sósinhos no meu quarto de trabalho, João da Camara desenrolava o seu manuscripto e começava a ler-me o seu *D. Affonso VI*.

Eu de vez em quando olhava para elle cheio de surpreza e de alegria.

Conhecia todos os trabalhos litterarios e theatraes de João da Camara, esperava muito do seu enorme talento, mas francamente não esperava aquella successão ininterrupta de primores, não calculava que a sua primeira obra grande sahisse assim uma tão completa grande obra.

E sahira!

Aquella peça que eu estava ali ouvindo, sósinho, no meu gabinete, áquella hora da noite, lida quasi que a meia voz pelo seu auctor, muito intimamente, sem preoccupações d'auditorio, quasi que como quem se lê em voz alta para se ouvir a si proprio, era uma obra litteraria primorosa, superior ás melhores de Coppée que eu tinha ali ao lado, na minha estante, um drama magnifico, energico, possante, cheio de grandes lances vigorosos, de scenas poderosas, de effeitos extraordinarios, como os dramas de Hugo que, ali ao pé, dormiam sobre a minha mesa.

Os cinco actos foram lidos e ouvidos d'um só folego e eram tres horas e meia da manhã quando João da Camara acabou de lêr o ultimo verso do seu *D. Affonso VI*.

—Tens um successo seguro, e um successo colossal; fizeste uma obra prima, disse-lhe eu, sem sombra nenhuma de lisonja, como se estivesse pensando em voz alta.

Fomos tomar leite com torradas e então estivemos conversando a respeito da peça, a respeito da sua destribuição no theatro de D. Maria, quem havia de fazer este papel, quem havia de fazer aquelle, os effeitos da *mise-en-scene*, e vinha já rompendo o dia, quando João da Camara sahiu de minha casa com o seu rolo de papel debaixo do braço.

Eu desde essa noite fiquei completamente socegado a respeito da peça de D. João da Camara: tinha a certeza absoluta d'um grande successo, e quando ás vezes depois, elle se mostrava incerto, hesitante, desconfiado com o exito da peça, eu descompunha-o, como ainda o descompuz na propria noite da primeira representação, quando, indo abraçal-o no fim do primeiro acto, o encontrei, nervoso, desconsolado com o

JOÃO DE ANDRADE CORVO — Fallecido em 16 de fevereiro de 1890

(Segundo uma photographia de Vallois)

acolhimento d'esse acto, receioso ainda do resultado do drama.

Esse acto agradára, mas agradára sem grande enthusiasmo e ainda bem, porque as peças em que os primeiros actos vão ás nuvens, raras vezes os acompanham no decurso da acção, nos actos seguintes, a essas altas regiões.

E para o acolhimento um pouco frio do primeiro acto do *D. Affonso VI* na primeiro noite concorreu muito uma circumstancia de *mise-en-scene*, o demasiado escrupulo no respeito á verdade, que pôz quasi que completamante ás escuras a scena durante todo o acto, escuridão excessiva, que quasi não deixava destinguir da platea as feições dos personagens, o mesmo defeito que teve na primeira noite a *mise-en-scene* do prologo da *D. Branca* no theatro de S. Carlos.

Na opera de Alfredo Keil porem a escuridão da scena era necessaria para um effeito de scenario: em D. Maria essa escuridão foi motivada apenas por um excesso de rigor de verdade, para se justificar bem o engano do infante D. Pedro, quando esgrimindo com o marquez de Castello Melhor julga illudido pela pluma branca do chapeu do seu adversario, estar esgrimindo com o rei D. Affonso.

E esse engano assim está muito bem justificado, tão justificado mesmo, que o publico é tambem illudido, e até chegarem as lanternas não sabe quem é que se está batendo com o infante.

Essa escuridão pode favorecer muito a verdade da *mise-en-scene*, mas prejudica o effeito do acto sensivelmente, porque um acto todo passado quasi ás escuras, quasi sem o publico poder vêr as caras dos personagens, massa-o, distrahe-o, fal-o pôr-se a advinhar, a inquerir quem é que está fallando e emquanto indaga quem falla liga pouca importancia ao que em scena se diz.

Apezar de tudo isso o primeiro acto agradou sinceramente, é um acto de capa e espada, tem acção, tem scenas dramaticas e scenas d'um comico delicioso, e sobretudo tem esplendidos versos desde a primeira á ultima scena.

No segundo acto o *successo* esboçado no primeiro accentuou-se definitivamente e no terceiro acto assumiu as proporções d'um verdadeiro triumpho.

A batalha estava ganha e ganha com uma victoria que tomou o aspecto d'uma gloriosa apotheose.

Esse acto é um acto deveras magistral, de principio a fim, uma obra prima de inestimavel valor, que não só não tem na nosra litteratura moderna nenhuma que a exceda, como lá fóra no reportorio moderno da França da Hespanha e da Italia pouquissimas que a igualem.

O quarto acto é um magnifico acto episodico, cheio de pittoresco; a scena do caldo aos pobres na portaria do convento é um quadro de mestre, magistralmente delineado, e magistralmente executado pelos artistas do theatro de D. Maria.

No ultimo acto o interesse e o valor da peça não afrouxa um momento sequer, e D. *Affonso VI* acabou no meio d'uma ovação ruidosa, enthusiastica, apotheotica como a raras temos assistido no theatro portuguez.

Foi mais do que um successo, foi uma verdadeira sagração, que inscreveu o nome de João da Camara em logar d'honra entre os primeiros e mais gloriosos que são hoje a honra do theatro portuguez.

O desempenho da peça é primoroso por parte dos mais distinctos actores do theatro de D. Maria: não especialisamos hoje nomes nem personagens, do mesmo modo que não fallamos da peça, nem do seu enredo, nem da sua magestral execução litteraria e theatral, porque reservamos isso para o artigo especial que o Occidente vae consagrar n'um dos seus proximos numeros a esse bello drama, registando assim como lhe compete um dos triumphos mais gloriosos do theatro portuguez n'estes ultimos annos.

N'esse artigo que será acompanhado de *croquis* das principaes scenas do esplendido drama de D. João da Camara, contaremos então minuciosamente o enredo do *D. Affonso VI*, citaremos alguns dos seus trechos, e occupar-nos-hemos do seu excellente desempenho.

Hoje contámos apenas o successo da magistral peça de D. João da Camara, successo que nos alegrou duplamente, por ser o triumpho brilhantissimo d'um nosso compatriota illustre, e por ser o triumpho merecidissimo d'um dos nossos mais presados e queridos amigos.

Como na nossa ultima chronica notámos, está-se dando uma especie de renascimento no theatro portuguez e, coisa que raras vezes acontece, todos os theatros tem em scena ou tem em ensaios peças originaes.

Depois do *D. Affonso VI* de D. João da Camara no theatro de D. Maria, deu-se no theatro do Principe Real a *Claudina*, drama em 4 actos do sr. Abel Botelho, Abel-Accacio, o festejado auctor da *Jocunda*, que na epocha passada subiu á scena no Gymnasio.

A *Claudina* vê-se bem que é filha do mesmo pae da *Jocunda*, tem d'ella as mesmas qualidades e os mesmos defeitos.

E um dos principaes d'esses defeitos, se não o principal é o exaggero d'uma d'essas qualidades— o estylo.

Dominado pela preoccupação da phrase guindada, litteraria, querendo fugir com horror á trivialidade da linguagem, o sr. Abel Accacio faz fallar todos os seus personagens como ninguem fala no mundo, põe na bocca de todos elles torrentes de imagens estapafurdias, de termos extravagantes muito procurados, muito fóra do uso, e d'ahi um tom extravagantemente pertencioso em todo o dialogo, que lhe tira toda a verdade, toda a naturalidade, que prejudica sensivelmente algumas scenas magnificas que a peça tem. Alem d'isso o sr. Abel Accacio não tratou de preparar as scenas, e com um desdem, por ventura intencional, pelos processos theatraes, não cuidou de justificar as entradas e sahidas dos seus personagens, não tratou de os fazer mover e fallar a todos, quando todos estão em scena; quasi todos os seus dialogos se passam apenas entre dois personagens e emquanto esses dois que teem a palavra conversam, os outros estão callados e parados á espera da sua vez de conversarem tambem aos pares, e a peça passa-se assim n'uma successão de *duettos*, que lhe tira toda a verdade real e todo o effeito de theatro.

O abuso das *tiradas*, é tambem outro dos defeitos da *Claudina*, o dialogo não é breve, seguido, cortado, arrasta-se em discursos, alguns realmente magnificos, como o da discripção das touradas, mas que vem sem a proposito, sem razão de ser.

E depois de termos assim insistido com a maior franqueza nos defeitos da *Claudina*, podemos com a mesma franqueza insistir nas suas qualidades.

A primeira d'essas qualidades é uma das primeiras qualidades de toda a obra d'arte: — o talento.

Na *Claudina* ha talento ás mãos cheias, ha dialogos formosissimos, ha phrases deliciosas, ha conceitos magnificos, ha observações profundamente verdadeiras, ha scenas de primeira ordem, situações soberbas, traços vigorosos e de mestre, que denunciam uma poderosa intuição theatral e que demonstram claramente que no seu auctor ha um escriptor dramatico de raça, que se affirmará no theatro com um grande triumpho no dia em que se deixar de preoccupações d'audacias, de cruezas, de extravagancias, tanto na linguagem como no assumpto, tanto nos caracteres como nas situações e quizer pensar a serio na *charpente* d'uma peça nas condições muito especiaes e imprescriptiveis da arte do theatro.

A *Claudina* tem coisas magnificas e coisas que não prestam para nada, mas com todas as suas desegualdades, com todos os seus defeitos, mostra bem que não é obra d'um mediocre, que o seu auctor é alguem, como já eloquentemente o mostrara a *Jocunda*.

A nova peça do sr. Abel Accacio subiu á scena na noite do beneficio da grande actriz Lucinda Simões, que tem na protogonista, a Claudina, uma das mais notaveis creações da sua gloriosa carreira artistica.

A famosa actriz é maravilhosa em todo o papel, principalmente no segundo acto, na scena de amor com Alvaro e na scena de seducção com Valle.

Bastava a execução magistral d'esta peça para Lucinda Simões ser considerada uma grande actriz em qualquer theatro do mundo.

Maria das Dores, Elvira, Falção, Alvaro, Polla, Gil e Valle desempenham excellentemente os seus papeis.

Nas horas em que estamos escrevendo está-se representando pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes as *Cores da Bandeira*, quadro patriotico do sr. Lopes de Mendonça, de que nos dizem maravilhas. Fallaremos d'elle na proxima chronica.

Em S. Carlos reappareceu, depois de 7 annos de ausencia o *Lohengrin* de Wagner. Da opera diremos o mesmo que dissemos quando ella então se deu pela primeira vez, e do desempenho, que Tetrazini e Pasqua são magnificas nos seus papeis, que Ercolani, Brogi, Collette e Borucchia satisfazem o publico e tem recebido muitos applausos juntamente com o illustre maestro Campanini que ensaiou e dirige superiormente a famosa opera de Wagner.

Gervasio Lobato.

JOÃO DE ANDRADE CORVO

I

Quando percorremos com a imaginação a carreira brilhante d'esse homem notavel, que ha pouco ainda desappareceu no tumulo, parece-nos que vêmos desenrolar-se diante de nós a biographia de um d'aquelles homens fortes da Renascença, cuja robusta organisação, e cujo privilegiado espirito se adaptavam a todas as tarefas, e sabiam dirigir ao mesmo tempo os negocios mais diversos, e guiar simultaneamente os differentes corseis da sua quadriga. O typo supremo d'este genero é Miguel Angelo, o forte esculptor que arranca de um bloco de marmore o seu magistral Moyses, o pintor que lança nos muros da Capella Sixtina a pagina maravilhosa do *juizo final*, architeto que trabalha em S. Pedro de Roma, engenheiro que fortifica Florença, poeta que cinzela em puro verso italiano os seus admiraveis sonetos, que é ao mesmo tempo artista e politico, poeta e soldado, homem de prazer e homem de trabalho, e quantos outros encontrámos ainda d'esse genero d'essa admiravel Renascença, em que a vida se manifestava por todas as formas, em que havia essa exuberancia de acção e de vitalidade, que se manifesta em todos esses homens excepcionaes, verdadeiros prodigios de força physica e de força intellectual, que tinham como que sido arrojados, candentes e formidaveis, por esse volcão que explosiu no seculo XVI, e que illuminou com as suas chammas rubras o mundo até então immerso nas sombras da idade media.

O seculo XIX teve a sua Renascença tambem, e produziu tambem muitos d'esses homens fortes, d'esses Migueis Angelos da penna e da palavra que sustentavam com ligeireza a carga pesadissima da sua obra multipla. Em Portugal assim encontramos Garrett, homem de prazer, de sociedade, de estudo, de poesia, de politica, de tribuna, Herculano, homem de investigação laboriosa constante, sem treguas, e homem ao mesmo tempo de phantasia e de acção, o duque de Palmella, diplomata e galanteador activo, dirigindo a emigração e traduzindo Camões em francez, não perdendo uma *soirée*, e não deixando por isso atrazada a sua correspondencia official. Os homens d'essas gerações que fizeram a grande obra do seculo já quasi desappareceram de todo. Um dos ultimos foi Dufaure, em França, de quem se conta que, dando um baile em sua casa, deitava-se ao cair da noite, acordando ás duas ou tres horas da manhã, vestia a sua casaca, descia aos salões, onde estivera sua mulher até ali fazendo as honras da casa, conversava alegremente com os seus convidados, tomava o seu primeiro almoço á mesa onde elles ceiavam, e quando, fatigados, tresnoitados, partiam. quando já os clarões da manhã branqueavam os vidros do palacio, elle, fresco de corpo e de espirito, despia a sua casaca, envergava o seu roupão de trabalhador, e, depois de respirar um pouco as flores do seu jardim, sentava-se á meza do seu gabinete e lidava sem treguas até á hora do seu almoço definitivo.

A estas familias de homens de trabalho e de prazer pertenceu incontestavelmente João de Andrade Corvo. Foi verdadeiramente, pela variedade das suas aptidões, um verdadeiro Miguel Angelo, um homem da Renascença pelo seu extraordinario poder de trabalho. Não tentamos nem sequer fazer a sua biographia. Vamos apresental-o debaixo dos tres seus aspectos capitaes, e veremos se assim podemos fazer comprehender essa physionomia excepcionalmente notavel e sympathica.

II

Temos primeiro o homem do prazer e da phantasia. Teve uma mocidade tempestuosa, alegre, em que levou aos labios as taças de todos os gosos e de todos os delirios. E, ao mesmo tempo comtudo, a sua phantasia ardente e apaixonada desentranhou-se em verdadeiras obras primas, e foram as lettras, até á ultima hora da sua vida, o seu desenfado predilecto, e a querida ermitagem, onde se refugiou para fugir ás perseguições e ás fadigas da politica, e para descançar dos mais arduos trabalhos da sciencia. O seu temperamento amoroso de peninsular expandiu-se nos versos, muitas vezes firmados por este pseudonymo caracteristico: Sophia da Soledade. O nome feminino trahia a preoccupação da mulher; o appellido phantasiado como que lembrava aquella necessidade de isolamento, que tantas vezes assalta o homem vivamente empenhado nas luctas sociaes e politicas. Ao mesmo tempo captivavam-n'o as aventuras, e era isso o que o levava a escrever aquelle delicioso romance *Um anno na côrte*, que ainda hoje se lê com gosto, tão interessante é o entrecho, tão captivadoras são as peripecias. Não o conheci n'esse tempo de febre litteraria e juvenil; mas como a imaginação só se

amorteceu no seu cerebro quando todas as suas faculdades se paralysaram relativamente, ainda na plena actividade da sua vida de estadista elle escreveu o *Sentimentalismo*, como escreveu na sua mocidade ao lado do *Anno na Côrte* as suas obras de theatro *D. Maria Telles*, o *Astrologo*, o *Alliciador*, e ainda no meio dos seus trabalhos de historiador elle não deixou de escrever os seus romancinhos scientificos *Contos em Viagem*.

III

O homem de sciencia! N'um cerebro bem organisado não só as diversas faculdades se pódem desenvolver simultaneamente, mas reagem umas sobre as outras, auxiliam-se e esclarecem-se. O talento litterario de Corvo deu um indizivel encanto ás suas lições de professor de botanica. Era um enlevo escutal-o, quando elle, com a sua voz aguda, a sua nitidez de pronuncia, a sua facilidade de exposição, e a poesia natural, em nada artificiosa da sua linguagem, revelava aos seus alumnos os segredos da evolução das plantas e os seus mysteriosos amores, a genesis das especies e a vida dos individuos. Os mais rebeldes á sciencia se deixavam captivar por aquella explicação tão clara e tão amena das grandes verdades scientificas. Teve Corvo grandes triumphos oratorios na tribuna parlamentar, nunca lhe fizeram esquecer de certo esses triumphos quotidianos em que um grupo de rapazes muitas vezes irrequietos e *cabulas*, segundo a palavra consagrada da technologia escolar, escutavam, n'um silencio tão profundo que se podia ouvir o germinar das plantas, aquella palavra inspirada.

Esse dom supremo de amenisar os mais aridos assumptos, não lançando sobre elles a purpura das metaphoras pomposas e as lentejoulas das phrases, que os deixam ficar igualmente aridos e igualmente incomprehensiveis, esse dom manifesta-se nos seus livros de agricultura de tão proveitoso ensino e de leitura tão agradavel, e ainda nas notas de altissima sciencia com que elle, nos seus trabalhos ácêrca das navegações portuguezas, nos mostra o que era a sciencia nautica dos nossos antepassados, o alto valor que tinha, e o modo como ella os ajudava e guiava nas suas maravilhosas descobertas. Era essa a qualidade suprema e devéras latina do homem de sciencia em Andrade Corvo. Os sabios habitualmente são profundos e escuros como um poço, elle era profundo e limpido como um lago.

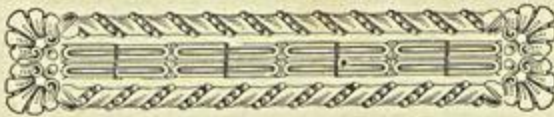
III

O politico e o estadista! Se o homem de letras actuava no sabio, o sabio a seu turno, o sabio e o poeta iam actuar tambem no deputado e no ministro. A nitidez do seu espirito scientifico foi a grande inspiradora da sua obra ministerial, foi ella que lhe imprimiu esse caracter pratico que tão perfeitamente o distingue. Foi esse espirito scientifico que o fez seguir no ministerio das obras publicas, que gerio no gabinete da fusão, aquelle caminho em que o paiz deu tão largos passos no seu desenvolvimento material e economico. O desenvolvimento, o aperfeiçoamento e a regularisação das instituições de credito, a construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, tão essenciaes para o nosso desenvolvimento economico, eis o que caracterisa de um modo mais distincto a gerencia do illustre ministro das obras publicas. Depois d'elle veio Aguiar, cuja influencia na prosperidade do paiz tambem não tardará muito que se conheça, mas o resultado da passagem de Andrade Corvo pelo ministerio das obras publicas esse estamol o conhecendo e palpando. Sem aquellas grandes arterias do Minho e Douro por onde circula o sangue mais rico do paiz, que prosperidade podia ter a grande linha de Norte e Leste? Arrastou uma vida cortada de difficuldades, até que se começou a sentir a influencia vital das duas linhas affluentes, e as receitas cresceram logo de um modo portentoso. Sem a organisação do credito, como podia dar os passos que tem dado, apesar de todas as difficuldades, a industria do paiz?

Dissemos que não foi só o sabio, mas o poeta tambem que influio no homem de Estado! Como isso se sente na sua admiravel gerencia do ministerio da marinha e do ultramar! Como os sentimentos generosos que se aninham na alma de um poeta palpitam na sua legislação! Como se sente o jubilo com que elle dá o golpe mortal na escravatura africana! como se sentem as aspirações de justiça, até um poucochinho quixotescas, na deliberação que tomou de pôr termo á emigração dos *coolies*, essa escravatura amarella! Preferiu então ás vantagens materiaes o nobre jubilo de ter cumprido um alto e nobre dever! Era o poeta que fallava, e diante das inspirações da sua alma generosa devem inclinar-se todas as preoccupações materiaes e mesquinhas!

Como elle acariciou o sonho, tão realisavel, do renascimento do nosso imperio colonial! E que esforços que elle empregou para o tornar pratico e justo! Foi elle que despedaçou com as suas mãos vigorosas o laço da escravidão! foi elle que quebrou o encanto fatal que desviava das colonias africanas, como de um paiz nocivo, a attenção dos Portuguezes! Foi elle que organisou essas expedições de obras publicas, que foram o preludio da nossa renascença colonial! Foi elle que fez com que aquelle pedaço de terra indiana, que ainda nos resta, e que estava sendo um encargo para o nosso orçamento, se tornasse florescente e rico. Foi elle que pretendeu inaugurar em Africa uma politica de alliança com a Inglaterra. Errou? Enganou-se? Comprehendeu mal os interesses do paiz? Não o sabemos; mas que resultado nos está dando uma politica hostil?

Ah! era bello vel-o na camara, quando se discutia uma questão colonial! Temos presente na memoria a sessão celebre em que a camara protestou contra as calumnias de Cameron e Young. Era um dia tempestuoso, e a trovoada lá fóra cortava de vez em quando os discursos dos oradores. A sessão prorogada já entrava pela noite dentro, e, emquanto se acendia o gaz, estava a camara immersa n'uma vaga penumbra. As galerias apinhadas escutavam em silencio, e a voz, agudamente timbrada, de Andrade Corvo, elevava-se entre os trovões e relampagos, exprimindo as idéas generosas do mais sincero, do mais vehemente e do mais util patriotismo! Quando quero invocar ao menos o vulto d'esse grande homem, que hoje dorme á sombra dos cyprestes, vejo-o n'essa sessão famosa, vibrante de enthusiasmo, soberbo de patriotica indignação, orgulhoso do seu vigor, conscio do que podia fazer, apresentando á Europa, a imagem da Patria regenerada e altiva! E quando me lembro que as ultimas palavras que Andrade Côrvo ainda poude ouvir n'este mundo foram os insultos da mocidade portugueza, da mocidade que se diz estudiosa, pergunto a mim mesmo se não é um paiz condemnado por Deus aquelle em que os moços amarguram com os seus insultos as ultimas horas de existencia de um homem como Andrade Corvo!

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS INGLEZES EM AFRICA

CASTIGO E MORTE DE UM PRETO NA MISSÃO DE QUITUNGO

Continuando no nosso proposito de tornar bem publico o modo como os inglezes civilisam a Africa, de que já demos uma amostra a pag. 35 e 40 do presente volume, publicamos hoje uma gravura feita sobre um desenho original do nosso collaborador artistico sr. Freire, baseado sobre um documento official do governo de Moçambique, e que é a historia da morte de um preto communicada por um proprio inglez M. Macgregor testemunha do facto.

Não póde haver testemunho mais insuspeito, nem historia mais horripilante do que esta que o documento, que em seguida transcrevemos, revela:

«Parece que fôra morto um preto da missão do Quitungo, e como recaissem suspeitas n'um preto d'ali, foi logo agarrado e amarrado de pés e mãos, e começaram a torturai-o para que elle confessasse o crime; a tudo o preto respondeu: «estou innocente, não conheço nem vi o homem, estou innocente.»

Vendo que nada obtinham, mandaram abrir uma cova, fizeram ajoelhar o desgraçado junto d'ella, formou uma força de soldados a oito passos com armas carregadas, e então o superior leu em voz alta no livro de orações: *The Lord sayeth who shall kill his brother man shall die of the same death;* estou innocente, disse o preto, não matei ninguem; *but the Lord sayeth*; se o Deus diz isso não é verdade, porque eu estou innocente. O superior completou a sentença voltando-se para a força deu a voz de fogo: *fire men, men fire!*

Partiu logo uma descarga que partiu um braço e uma perna e levou pedaços de carne á victima; deram dezesete tiros no pobre preto sem o matarem, mas deitando-o por terra horrivelmente mutilado, então um inglez approximou-se com um rewolver e fez-lhe saltar os miolos. Como estes mais tres ou quatro casos contou. M. Macgregor declarou que tomava a responsabilidade e que eu referisse, portanto, o seu nome.

Nada mais preciso accrescentar a tão horrivel narração. — *A. d'Avila*, governador.

Está conforme. Secretaria do governo do districto de Quelimano, 29 de outubro de 1888. — O governador, *João Manoel Guerreiro de Amorim.*

Está conforme. Secretaria geral em Moçambique, 12 de novembro de 1888. — Pelo secretario geral, *Francisco Maria Cias.*

Copia n.º especial. — N.º 83 geral-H. — 6 de agosto de 1880. — Secção civil. — Secretario geral, encarregado do governo geral. — Em additamento a minha confidencial G, cumpre-me informar mais a v. ex.ª de que o inglez M. Macgregor me fez as declarações relativas na presença de tres individuos Joaquim Carlos de Paiva Raposo, Alberto de Paiva Raposo e Nascimento Costa, o primeiro presidente e o segundo manigente da companhia de cultura e commercio do opio, e o terceiro encarregado da secção de obras publicas, dos quaes Alberto de Paiva Rapo o e eu fallamos o inglez, o que quasi não era preciso, por issso que M. Macgregor tomou o cuidado de explicar em bom hespanhol todas as passagens em que julgava não ser comprehendido. Estudei as questões das missões, tendo com a maxima attenção lido uns folhetos publicados em Londres pró e contra, dos quaes um *Cescreditable*, etc., contra a missão de Blantyre corrobora o que disse M. Macgregor, ou este ultimo aquelle.

As accusações gravissimas que ali se fazem contra as missões ficam de pé, apesar da defeza *Reply to Chamvide*, etc., concluo que a serem exactos os crimes narrados, nem sequer o facto de se publicarem taes accusações na Europa, d'onde necessariamente teriam de esperar uma justa punição, bastou para os intimidar.

Aguardo as instrucções de v. ex.ª

Está conforme. Secretaria do governo do districto de Quelimane, 30 de outubro de 1888. — O governador, *João Manoel Guerreiro de Amorim.*

Está conforme. Secretaria do governo geral da provincia de Moçambique, 12 de novembro de 1888. — Pelo secretario geral, *Francisco Maria Cias.*»

É assim que os inglezes civilisam a Africa, e no entanto accusam-nos a nós de fazermos escravatura e dar-mos maus tratos aos pretos.

É com estes castigos barbaros e deshumanos que pertendem vencer a natural repugnancia que o africano tem por elles, e não satisfeitos em lhes semearem o exterminio por meio da polvora e do alcool com que os embrutecem, vão-lhe inflingindo estes supplicios de que só a covardia ingleza é capaz.

Factos como este são frequentes nas suas missões de Africa, devidamente authenticados, e entre elles respigaremos mais alguns que sirvam á nossa propaganda contra esses mercenarios e hypocritas para quem a humanidade é nada em presença dos seus illicitos interesses.

«A PORTUGUEZA» E OS SEUS AUCTORES

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA E ALFREDO KEIL

A grande popularidade que tem adquerido a *Portugueza*, pedida com empenho de todos os pontos de Portugal, fez com que o OCCIDENTE publique junto com este numero uma edição especial d'este canto patriotico, mediante a auctorisação dos seus auctores, a qual offerece gratuitamente a todos os seus assignantes e compradores avulso.

Pela mesma razão publica os retratos de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça, certo que assim satisfaz á justa curiosidade do publico, em conhecer os auctores da *Portugueza*, que com tão grande enthusiasmo tem sido ouvida em toda a parte que é executada.

Alfredo Keil conta hoje 36 annos de idade e é um talentoso cultor das bellas-artes, que principiando por se destinguir na pintura com uma galeria de quadros de elevado merecimento, passou a destinguir-se na musica com talento não inferior, compondo a *Suzana*, pequena opera que se cantou no theatro da Trindade, as *Orientaes* ode symphonica ouvida com aplauso em varios concertos, a cantata *Patria*, egualmente aplaudida e por fim a *D. Branca*, grande opera que Lisboa teve occasião de ouvir e victoriar no theatro de S. Carlos.

A Portugueza, a sua ultima producção; foi um improviso sem pretenções, produzido entre a sobremeza e o café n'um jantar de amigos, no

dia 12 de janeiro, dia seguinte ao do celebre *ultimatum* do governo inglez, e quando nas ruas de Lisboa echoavam os brados dos grupos populares dando vivas á patria.

Tem este grande valor a *Portugueza*; o ter sido produzida no momento em que a população mais se agitava nas suas manifestações patrioticas, estabelecendo uma verdadeira corrente de enthusiasmo communicativo de que Alfredo Keil tambem se possuiu para o seu inspirado improviso.

Mas se a musica da *Portugueza* é um verdadeiro canto nacional e patriotico, cujas notas nos recordam as canções e os hymnos mais portuguezes, a poesia que ao som d'essa musica se canta, não é menos patriotica e levantada, porque nas suas estrophes se recordam as nossas glorias passadas, como as de um povo de navegadores andaciosos e de guerreiros victoriosos, que não deve esquecer o passado para que lhe seja estimulo no presente.

Copiemos aqui a poesia:

I

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levantae hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar
Contra os canhões marchar!

II

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu céo!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o sólo teu jucundo
O Oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

III

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o echo de uma affronta
O signal do resurgir,
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da sorte.

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

Esta poesia foi tambem composta de improviso, por Lopes de Mendonça o laureado auctor do *Duque de Vizeu* e cujo talento se acha bem affirmado em tantas producções litterarias de valia desde o folhetim até ao drama, e em todas revelando-se o poeta inspirado, o escriptor primoroso.

Foi n'aquelle mesmo jantar a que nos referimos em que se achava Keil e alguns amigos, que estes resolveram fazer uma edição da *Portugueza* á sua custa e distribuirem-n'a gratuitamente, com o fim unico de propagarem este canto nacional e patriotico, como um protesto á affronta feita a Portugal pela Inglaterra.

A primeira edição que se fez foi de 12:000 exemplares e logo houve que fazer mais duas, elevando-se estas tres edições a 22:000 exemplares.

Além da musica para canto e piano, fizeram-se musicas para grandes e pequenas orchestras, para banda marcial, charanga, fanfarra, sol-e-dó e estudantina.

Todas estas musicas tem sido pedidas para todo o paiz e para o estrangeiro, elevando-se a cerca de mil os pedidos para orchestras, bandas, fanfarras, charangas, etc.

A poesia foi traduzida na Allemanha pelo sr. Muller, um descendente do celebre dramaturgo do mesmo nome, em Hespanha pelo sr. Castillo e na italia pelo sr. Fereal. Tambem foi traduzida na Russia, mas não se sabe o nome do traductor.

Os srs. Neuparth & C.ª com armazem de musica na rua Nova do Almada, 99, em Lisboa, é que se encarregaram de distribuir as musicas da *Portugueza*, satisfazendo as requisições que lhe sejam dirigidas.

THEATRO DE D. MARIA II ONDE FUNCCIONA A COMMISSÃO EXECUTIVA DA GRANDE SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

Não vamos fazer n'este momento a historia do theatro de D. Maria II, edificado sobre as ruinas do antigo paço dos Estaus e inaugurado em 1846, na noite de 13 de abril com a representação do drama *Alvaro Gonçalves o Magriço ou os Doze de Inglaterra*, de José da Silva Mendes Leal Junior.

Seria inuportuno fazer agora essa historia, aliás gloriosa para a arte portugueza, porque outro é o motivo de apresentarmos hoje sob as vistas dos nossos leitores a gravura d'este bello edificio, templo da arte.

O momento historico que atravessamos é dos mais importantes na nossa vida moderna, e por isso todos os factos que vão occorrendo tem o seu valor historico que convem archivar n'estas paginas em que se vae fazendo a historia do nosso tempo.

O theatro de D. Maria II faz hoje parte importante de um d'aquelles factos, visto que n'este edificio se instalou a commissão executiva da grande subscripção nacional para a defeza do paiz, funccionando no salão do theatro que fica na parte occidental do mesmo edificio, e que a nossa gravura representa.

A commissão revestiu de panos negros a grande varanda que corre por sobre o atrio, e n'esses panos lê-se em lettras brancas: *11 de janeiro — Grande subscripção nacional — Defeza do Paiz*. Uma bandeira nacional enlaçada de crepe ergue-se a meio da varanda e por detraz da bandeira e sobre a parede do edificio, está um grande map-

OS INGLEZES EM AFRICA — Castigo e morte de um preto na missão de Quitungo

(Desenho de L. Freire)

SUPPLEMENTO AO N.º 405 DO OCCIDENTE
21 DE MARÇO DE 1890
A PORTUGUEZA
Poesia de H. Lopes de Mendonça
Musica de A. Keil.
Marcial
Canto
Piano
II
Desfralda a invicta bandeira
Á luz viva do teu céo!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o sólo teu jucundo
O Oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!
Ás armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!
III
Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o echo de uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustêm,
Contra as injurias da sorte.
Ás armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

OS AUCTORES DA «PORTUGUEZA»

O POETA HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

O MAESTRO ALFREDO KEIL

pa de Africa, onde se destacam a tinta vermelha os territorios portuguezes, vendo-se n'estes duas manchas negras indicando a parte d'esses nossos territorios que os inglezes nos usurparam.

A commissão installou-se no theatro de D. Maria no dia 24 de fevereiro ultimo, e n'esse dia publicou um manifesto ao paiz, um apelo patriotico, que em seguida transcrevemos, tanto como um documento de grande valor historico, como uma obra litteraria em que se affirmam os grandes dotes do seu auctor Antonio Ennes:

11 DE JANEIRO DE 1890

GRANDE SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

AOS PORTUGUEZES

Seculos de alliança e amizade, a que fômos tão leaes que parecemos submissos, não obstaram a que a Grã Bretanha, uma vez que o nosso direito resistiu ao seu interesse e o nosso brio lhe contrariou a soberba, passasse por cima de nós e dos tratados com a arrogancia desdenhosa com que um dos seus couraçados metteria a pique a piroga de selvagens, que se lhe atravessasse na prôa. A enormidade da affronta immerecida, o attentado prepotente contra *direitos historicos*, remotos sim, mas que se ganhavam balisando mares desconhecidos com destroços de naufragios e riscando veredas nos sertões com sangue de heroes e martyres, uniram as vozes de todos os portuguezes n'um protesto vehemente e levantaram-lhes os braços n'um phrenezi de defeza. Mas a defeza e o protesto contra o poderio immenso, que sentenceou como juiz irresponsavel n'um pleito em que era parte só porque maneja uma espada que d'um revez faria pedaços a espada da Justiça, não podia ser a guerra, —duello iniquio da fraqueza com a força, investida treslouca de peitos nús a muralhas de aço, combate sobrehumano d'um galeão do sexulo XV com o moderno Leviathan. Buscaram-se, pois, outras fórmas de manifestar ao mundo que se Portugal se rendia não se humilhava, se padecia o insulto não desistia do desaggravo, se recuava das margens do Chire e do Sanhate não arreava a bandeira do seu imperio africano, e logo o patriotismo, despersuadido de rasgar as veias na loucura da resistencia, offereceu as bolsas á previdencia. Iniciaram-se por toda a parte n'uma espontanea porfia de generosidade, **subscripções para a defeza nacional.**

Estas **subscripções** não são um soccorro ao Estado, são um manifesto do paiz.

O Estado tem rendas e tem crédito para provêr á possivel segurança do territorio portuguez; mas o espirito nacional desejou que as armas que se forjassem e as muralhas que se erigissem por voto de desaggravo, não tivessem o sello do fisco, que é a imposição, nem o carimbo do emprestimo, que é o negocio, antes fossem marcadas com um brazão de amor patrio, que recordasse sempre, aos soldados que as brandissem e aos cidadãos que as guarnecessem, que estava ali com elles, a alentar-lhes o esforço e agradecer-lhes o sacrificio, a alma heroica da nação. Tambem se pretendeu que as **subscripções** fossem um como plebiscito, em que todos os portuguezes declarassem o seu proposito de conservar levantados os altivos padrões da sua historia maritima e colonial, que são a um tempo memorias epicas e esperanças risonhas, e que, recordando á civilisação o que por ella emprehendemos, quando eramos fortes, deviam obrigal-a hoje a acudir pela nossa fraqueza. **Subscrever para a defeza nacional** é, pois, aggravar perante os contemporaneos e a posteridade da injusta violencia da Inglaterra, ao menos com a dôr e a indignação; é intimarmos-nos a ser no futuro menos incautos e confiantes do que fomos no passado; é dar testemunho honrado da nossa vitalidade moral; é deve ser tambem incitar reformas profundas na administração e na politica ultramarinas, que não deixem pretexto a estrangeiros para considerarem abertos á usurpação os territorios portuguezes por não estarem occupados pelo capital e pelo trabalho. A **defeza nacional**, em Africa, tanto reclama fortalezas como officinas e escolas e missões, tanto sebes de bayonetas como regos de charrua, tantos soldados como obreiros, e antes administração que aproveite as riquezas da terra do que tratados que lhe protejam os limites; **subscrever** para essa defeza é pedir aos poderes publicos todos estes grangeios e todas estas seguranças, e dizer-lhes que a nação não regateia sacrificios bem applicados para que o apanagio da sua fidalguia seja tambem o campo de lavra da sua opulencia.

Mas a **subscripção nacional**, para corresponder a estes pensamentos e propositos, precisa de que se coordenem as iniciativas que a promovem e auxiliam. Se os obulos do patriotismo houvessem de repartir-se por muitas applicações distinctas, arriscar se-hiam a não chegar para uma só. Por outra parte, correndo por muitos canaes os veios da munificencia publica, era forçoso abrir-lhes um collector.

Para obviar a dispersão de meios e á multiplicidade de fins, um comicio popular, reunido em Lisboa, nomeou uma grande commissão, que depois delegou o seu mandato nos signatarios d'este appello, constituido-os em comissão executiva. Não consiste, porém, esse mandato em obsorver, subordinar ou sequer dirigir outras iniciativas, que em qualquer parte ou de qualquer modo tenham aberto ou venham abrir **subscripcoes** para a defeza nacional, a commissão respeita-as a todas, deseja poder auxilial-as, e apenas lhes offerece um cofre commum em que depositem, querendo, as receitas que colherem, como apenas lhes propõe que as quantias que assim se sommarem tenham uma applicação commum, proporcionada á sua importancia e a mais accommodada as intenções dos subscriptores e ás necessidades da segurança patria. É impossivel escolher desde já essa applicação, porque é tambem impossivel calcular o producto dos donativos. Mas a commissão executiva obrigou-se a consultar sobre a escolha a assembléa que a elegeu, esta assembléa diligenciará interpretar fielmente os desejos dos subscriptores, que serão por certo os da nação, e o Estado prometteu já acatar essa escolha, uma vez que se harmonise com as funcções, que só ao Estado competem.

Assim, a subscripção será nacional desde a sua iniciativa até ao emprego do seu producto. Terá o caracter d'um auxilio livre e condicionalmente offerecido ao governo do paiz, e não de um tributo voluntario por elle cobrado, para o dispender como receita official. A iniciativa particular, em summa, não ha de ser admittida unicamente a dar; ha de tambem gerir, fiscalisar e empregar o que expontaneamente tiver dado.

Taes são as condições com que esta commissão recebeu o seu mandato e os termos em que abre a **grande subscripção nacional.** Originou-se ella n'um movimento generoso dos espiritos, que a consagrou, e tem o seu exito seguro, porque está confiado ao patriotismo portuguez. A commissão não pede esmolas para a patria; annuncia apenas que recebe pareas para lhe offertar. Quanto mais numerosos forem os offerentes, mais consoladora e mais impotente será a homenagem dos filhos doloridos á mãe desacatada. Tambem nas listas dos subscriptores tanto valerá o ouro dos ricos como o cobre dos indigentes, por que ouro e cobre terão o mesmo cunho de devoção civica. O ultrage açoitou por egual as faces e revoltou os corações de todos os portuguezes; todos devem, pois, lavrar o protesto, evitar a reincidencia, preparar o desforço. Não haja separações de classes, não se reconheçam differenças de condições, não se admittam divergencias de opiniões politicas, n'esta communhão patriotica.

A bandeira da **grande subscripção** tem as côres nacionaes, sem mancha de outras tintas, e a sua haste nunca será brandida como lança em torneios partidarios. É dever de honra dos signatarios e compromisso da sua lealdade resguardarem a missão que lhes foi incumbida das suggestões e dos impulsos que desacatem o santo amor patrio, que os anima a elles e para que appellam ao annunciarem aos seus compatriotas que **está aberta a grande subscripção nacional.**—Lisboa, 24 de fevereiro de 1890.—**A Commissão executiva**: — Presidente: — *Conde de S. Januario.*— Vice Presidentes: — *Francisco Maria da Cunha, Carlos Zeferino Pinto Coelho.*— Thesoureiro: — *Marquez da Praia e de Monforte.*— Secretarios: — *Theophilo Braga, João Carlos Rodrigues da Costa, Fernando Caldeira, Eduardo Abreu.*— Vogaes: — *Duque de Palmella, Marquez de Pomares, Sebastião de Magalhães Lima, Francisco Simões Margiochi, José Gregorio da Rosa Araujo, Antonio Augusto Pereira de Miranda, José Maria Latino Coelho, Barão do Alto Mearim, Angelo de Sarrea Prado, José Thomaz de Sousa Martins, Fernando Pedroso, Francisco Augusto Mendes Monteiro, Fernando Palha, Raphael Bordallo Pinheiro, Visconde d'Azarujinha, Bernardino Pinheiro, Adrião de Seixas, Roberto Ivens, Hyginio de Sousa, Francisco Maria de Sousa Brandão, Antonio Xavier d'Almeida Pinheiro, José Martinho da Silva Guimarães, Luciano Cordeiro e Antonio Ennes.*

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

A INGLATERRA CONQUISTADORA

III

(Continuado do n.º 402)

Logo que os americanos se declararam independentes do jugo inglez e proclamaram os Estados Unidos da America, os inglezes, vendo a impossibilidade de chamar a si a colonia perdida, disseram pela voz hypocrita de William Pitt:

—«Pois esses filhos estabelecidos pelos nossos disvellos, alimentados pela nossa bondade, protegidos pelas nossas armas, hão de recusar-nos o seu auxilio?»

O bravo americano, coronel Barre, respondeu de modo levantado á vilã jeremiada de Pitt:

—«Filhos estabelecidos pelos vossos disvellos! Foi pelo contrario a vossa oppressão que os obrigou a fugirem para a America. Alimentados pela vossa bondade! Medraram pelo contrario, precisamente porque os abandonastes; e quando principiastes a occupar-vos d'elles, foi só para lhes mandar agentes incumbidos de conspirar contra a liberdade dos americanos e lhes usurparem os haveres!...

O espirito de liberdade que animou esse povo na sua origem, ha de animal-o sempre, acreditae-me!»

Os gloriosos fautores da humanissima revolução de 1876 sabiam bem que a sordida Inglaterra só se lembrava da sua postiça maternidade para exigir sacrificios, enviando-lhe hordas de bandidos allemães, incendiando Nova-York e Rhod-Island, e arrojando sobre os americanos os celebres *pelles-vermelhas*, assim como agora fez arrojando sobre Serpa Pinto os não menos ferozes, selvagens do Lobengula.

As atrocidades commettidas pela Inglaterra contra *seus filhos*, os Estados Unidos, foram de tal ordem que lord Chatham ouvindo, em uma sessão do parlamento de Londres, dizer a lord Suffolk que as forças do governo da metropole na America se haviam servido dos meios que *Deus e a natureza lhes pozera nas mãos*, respondeu n'um rasgo de eloquente revolta:

—«Que ideia faz de Deus e da natureza o nobre lord? como é que se atreve a justificar com a lei de Deus a infamia de invocar as matanças de Cannibaes que torturam, dilaceram, devoram as victimas, bebem-lhes o sangue e fazem tropheus das suas cabelleiras?»

«Appello para os ministros da nossa religião pedindo-lhes que a vinguem de tam sacrilega inculpação; convido os bispos a interporem a santidade da sua estola, e os juizes a pureza da sua toga para nos salvar de semelhante profanação; convido-vos a todos, milords, a desaffrontar a dignidade dos vossos antepassados, do vosso caracter e do caracter da nação.»

«Vejo entre esses retratos o do immortal pae do nobre lord Effingham, o glorioso destruidor da *Armada* estremecer de indignação. De nada valeu que elle defendesse a religião e a liberdade da Grã-Bretanha contra a tyrannia de Roma, se entre nós se introduzem e consagram horrores mais criminosos do que os da inquisição. Arrojaes selvagens sedentos de sangue contra quem? Contra vossos irmãos protestantes...»

Este testemunho é de um altissimo valor por isso que nos é facultado pelo proprio parlamento britannico.

É surprehendente que n'um paiz em que se queimam os herejes e enforcam os catholicos, em que um chefe do Estado assignava sentenças de morte, brincando, divertindo-se a limpar a penna na cara dos seus conselheiros, na Inglaterra, esse paiz em que os carrascos violam os cadaveres dos supliciados: —«Passou-se então uma cousa sem nome entre esse corpo sem cabeça e esse homem sem coração.» dizia um notavel homem de lettras referindo a violação do cadaver de Maria Stuart, — por isso repetimos é deveras surprehendente que n'uma nação que festeja com illuminações e regosijos publicos a execução de mulheres innocentes, que n'um paiz tão vil se levante alguem fallando com a justiça que inspirou as palavras de lord Chatham.

A subservivencia do inglez é de tal ordem que homens do valor de Shakespeare, o gigante do seculo XVII, — e Spencer, o escalpelista das gerações do nosso mundo, chamaram á celebre dissoluta Izabel: o primeiro — *formosa vestal* e o segundo *rainha das fadas*.

Este facto dá bem a medida do que é o caracter inglez, ou na litteratura ou no commercio, ou na arte ou na industria, na politica ou na guerra, sempre falso, sempre traiçoeiro, sempre vilmente calculista, sempre interesseiro, baixo, sempre sem coração, sempre com calculo, sempre sustentando o seu proverbial egoismo — tal é o caracter do inglez.

(Continúa)

Manuel Barradas

AS HARMONIAS DA LUZ

III

(Continuado do n.º 403)

Aquelle encontro produziu no meu espirito uma impressão profunda; vivia preocupado e nos inci-

dentes mais insignificantes da vida parecia-me achar pontos de contacto com as impressões que me dominavam. Sentia um desejo intimo de tornar a ver Andréa e Lena, mas não me atrevia a procural-os directamente, porque não comprehendia bem o sentimento que me impellia. Via n'aquelle homem um esteio para a minha alma enferma e em Lena uma creatura ligada a mim pelo vinculo, triste mas sublime, do soffrimento. Continuava como sempre os meus passeios vespertinos, se bem que já os encantos da tarde, os quadros bellissimos da praia e os horizontes vagos do mar, não me offereciam aquelles attractivos deliciosos que antes me subjugavam. Começava a deixar-me dominar pela melancholia, porque no estado de fraqueza intellectual em que me achava, a menor contrariedade influia poderosamente no meu espirito.

Um dia entrei na bibliotheca; precisava tirar uns apontamentos para um pequeno trabalho em que empregava algumas horas do dia, quando o abhorrecimento se tornava insupportavel. Poucos momentos depois de me ter sentado com um livro na mão, só n'uma grande sala, entrou Andrea Tanarotti. Logo que me viu, dirigiu-se para mim extendendo-me cordealmente a mão, sentou-se ao meu lado:

«Debalde o tenho procurado n'estes ultimos dias no meu passeio da praia, disse-lhe eu.

«Tive a minha pobre filha doente. Felizmente acha-se melhor e foi ella que, por assim dizer, me obrigou com os seus reiterados pedidos a vir aqui para continuar as minhas investigações. A custo cedi; deixei-a deante do seu orgam, e espero que isso a distrahirá um pouco. Está um dia esplendido! accrescentou, olhando pela janella.

«O orgam! murmurei commigo; mas não é surda? Andréa pareceu comprehender na minha physionomia o pensamento que me assaltára, e, pausadamente, em tom doloroso, falou-me d'esta maneira:

«Fiz-lhe o outro dia um pedido que de certo lhe ha de ter parecido singular. A instinctiva sympathia que me inspirou impõe-me o dever de aclarar ao seu espirito uma cousa que deve ter achado obscura. Lena é a unica filha que tenho possuido; casado já tarde, depois de uma tempestuosa mocidade, tendo luctado para ver realizado o ideal de todo o italiano patriota, a unidade da patria, pensava em repousar das tormentas da vida no seio tranquillo do lar. Deus... (e Andréa sorriu de um modo doloroso) não o quiz assim. Aos dois annos da minha união, Magdalena morreu, dando á luz a minha pobre filha. Accusam-nos a nós, homens da sciencia, de professar doutrinas philosophicas subversivas á ordem social; accusam-nos de apregoar o materialismo, o atheismo e de lançar a humanidade na desesperação da duvida. Imbecis! não comprehendem que ante o cadaver d'essas creaturas innocentes e puras que caem no principio da vida, se acreditassemos em Deus, habituado como está o nosso pensamento á logica eterna, só comprehenderiamos um Deus sombrio e inconsciente! Se Deus rege os mundos, se dá e tira a vida, se é necessario, para que nol-a conserve, orar ante a sua imagem, como póde ser um Deus de bondade, se não se abranda na presença da dôr colossal de um coração bom, ante o desespero de um espirito util á humanidade?! No dia em que morreu a minha Magdalena, tive na alma uma consolação profunda de não crer em Deus: tel-o-hia amaldiçoado!

O velho calou-se um momento; occultou a cabeça entre as mãos e a fronte assombreou-se-lhe, como se a onda das recordações amargas houvera passado por ella. Eu estava subjugado e ouvia em silencio.

«Os tres primeiros annos da vida de minha filha foram uma lucta sem tregua para arrancal-a á morte; a sua constituição é fraca, doentia, e ha quatro annos convenci-me de que tem uma affecção profunda no coração. Quando contava dez annos teve uma longa e penosa doença; os meus cuidados incessantes e o auxilio poderoso da sciencia restituiram-n'a á vida; mas, quando se levantou, já não ouvia. No espantoso abalo que soffreu, todo o seu organismo se alvoroçou e o ouvido atrophiou-se-lhe completamente. Fizeram-se-lhe todas as operações possiveis; mortificaram-n'a annos inteiros sem nenhum resultado. Com um espirito fino, uma intelligencia clara e a pasmosa penetração das creaturas que nascem predestinadas a uma morte prematura, a minha pobre filha vê-se privada do commercio intellectual...

«Mas, interrompi-o quasi involuntariamente, observei no outro dia que, ao dirigir-me aquellas affectuosas palavras, parecia ter comprehendido a nossa conversação.

«Ha de ter notado que não tirava os olhos das nossas boccas. O costume faz que ella adivinhe a palavra pelo movimento dos labios. Eu quasi que já não necessito empregar signaes; olhando-me para o rosto, parece ouvir. Não succede o mesmo com os extranhos, e então a sua susceptibilidade, a sua delicadeza de mulher soffre, e é essa a razão porque lhe pediu que não se lhe dirigisse.

«E não ha esperança de a curar?

«Nenhuma; direi mais: essa preoccupação desappareceu na presença de outra mais grave: observo que a vida de minha filha se dissipa como um sonho; presinto que um dia ou outro, ao tocar-lhe de manhã na fronte com os meus labios, vou beijar um cadaver. Tenho dilligenciado reunir em torno d'ella tudo que a possa distrahir. Lena desenha perfeitamente, tem lido muitissimo, tem viajado commigo, e foi procurando-lhe distracções ao espirito que consegui realizar para ella o sonho de um frade do seculo XVIII.

«O sonho de um frade?!

«Não lhe chamou a attenção ha pouco o dizer-lhe que deixara Lena sentada deante do seu orgam?

«De certo.

«É simplesmente um orgam de cores. Os gosos celestiaes da musica, esse supremo consolo das almas tristes e enfermas, estava vedado á minha pobre filha; quiz achar-lhe um prazer analogo para os olhos e creio tel-o conseguido; porque no primeiro dia em que o seu olhar, attonito, se fixou n'aquellas maravilhosas harmonias, n'aquellas torrentes de luz que se succediam como os cambiantes das mil facetas de um brilhante colosal ferido pelo sol dos tropicos, o espirito agitou-se-lhe, os olhos dilataram-se-lhe e pareceu arrancar a alma da negra melancholia em que estava immersa.

Era extremo o meu assombro. Um orgam de côres! Parecia-me aquillo tão extraordinario que me vi na necessidade de recorrer a todo o respeito que inspirava Andréa para acredital-o.

«Curioso, curiosissimo!... murmurei.

«Luiz Castel, meu amigo, foi um d'esses frades ingenuos que do fundo do seu convento, como Alberto Magno, Rogerio Bacon e muitos outros, preparavam o advento da sciencia com estudos profundos nos quaes, procurando muitas vezes vãs chimeras como os alchimistas, deram com principios fundamentaes que chegaram á posteridade. Nascido em 1688, Castel viveu 69 annos, tendo passado os ultimos quarenta entregue completamente ao seu ideal, que para os homens de então era uma utopia. Em 1740 publicou a sua famosa *Optica das cores*, que encerra principios que admirariam ao proprio Newton. Pouco antes vira á luz da publicidade um opusculo admiravel que tem por titulo, se bem me recordo, *Novas experiencias de optica e acustica*. Foi n'esta ultima obra que elle tractou largamente do que chamou *clavecin oculaire*, cravo ou clavicordio ocular, crendo achar na luz e nas suas infinitas modificações um filão tão abundante em commoções para os sentidos como na propria escala chromatica. Passou os seus ultimos annos construindo o apparelho e morreu sem obter um resultado favoravel, se bem que convencido da possibilidade de alcançar bom exito

«Ha de perdoar-me; mas os meus estudos em physica foram superficiaes: confesso que ignorava tudo isso. Se lhe não desse grande incommodo o explicar-me em que se fundava Castel...

«Diligenciarei fazel-o. Sabe o meu amigo que uma substancia infinitamente subtil e elastica enche o universo e penetra os corpos mais duros: é o ether. A luz consiste n'um abalo dado a essa atmosphera, cuja tenuidade é tal que não estorva os movimentos dos astros, como o ar ou outro qualquer gaz. Toda a substancia que illumina faz vibrar esse ether, e Euler compara o sol a um sino immenso cujos movimentos, transmittidos pelo ether, actuára no nervo optico como as vibrações do ar actuam no nervo auditivo, sem que jamais o sino ou o sol percam a mais pequenina parcella da sua substancia. Do mesmo modo que uma pedra atirada á agua determina poucas ondulações quando é grande a espessura do liquido, assim o som, sendo o ar muito mais denso que o ether, caminha muito mais devagar que a luz; mas nenhuma d'estas velocidades é instantanea, e a theoria dos movimentos ondulatorios, como a experiencia, demonstra que ha estrellas cuja luz leva cem ou mil annos para chegar á nossa morada; de sorte que se um astro se destruisse, só passado cem ou mil annos dariamos pela sua desapparição. A luz de algumas estrellas talvez ainda aqui não chegasse. Emfim quando uma corda estremece, o som que produz varia com a rapidez e amplitude dos seus estremecimentos, e o meu amigo sabe que um som está na oitava do outro, quando o primeiro tem o dobro das vibrações que tem o segundo. O ether vibra tambem de um modo variavel e são essas variações que determinam um ou outro effeito em nossos olhos.—Baseado n'estes principios, fez o padre Castel o seu cravo, no qual as cores substituiam os sons, convencido de que com alguns pedaços de tela, diversamente coloridos e combinados se poderia agradar aos olhos como a musica agrada aos ouvidos.

«E o sr. Tanarotti, perguntei com um respeito crescente, realizou esse sonho maravilhoso?

«Oh! meu bom amigo, nenhuma gloria me cabe por esse esforço. Quando contempla uma d'essas admiraveis taças de porcellana de Sévres ou de Saxe, transparentes como o crystal e ornadas com os thesouros da pintura, pensa acaso no operario ignorado que consome a vida n'essas obras ou em Bernardo de Polyssy, o olleiro de genio? O que para o padre Castel era impossivel, foi para mim facil com o auxilio da sciencia moderna, porque se mediram as vibrações do ether e a extensão das ondas luminosas. Essas vibrações são por millesimo de segundo 699·000:000 com respeito á violeta, 522:000:000 com relação ao azul e 477:000:000 tractando-se do encarnado.

«É basta um simples clavicordio para pôr em acção todos os elementos necessarios?

«Essa era outra das difficuldades que se offereciam ao padre Castel; no seu tempo só se conhecia o cravo elementar, que em nossos dias se acha completamente substituido pelo piano. E ha de ver que dentro de pouco o mesmo piano ha de ceder o logar ao orgam, que offerece mais combinações e tem o privilegio, a meu ver, de dar vida e expressão ao som, com a sua maior ou menor prolongação. Por isso escolhi o orgam como base do meu trabalho, e o exito não padia ser melhor.

«Mas sendo nós, como somos, muito mais rapidamente sensiveis ás cores que aos sons, pois que podemos ver simultaneamente um numero immenso das primeiras, não deverá acaso esse orgam ser tocado com uma velocidade vertiginosa?

«Sem a menor duvida, e a minha Lena conseguiu-o com a pratica, sem que a execução lhe dê o menor trabalho: tal é a exquisita sensibilidade, se assim me posso exprimir, do instrumento. Em uma palavra, como noto na sua physionomia uma curiosidade implacavel, quer honrar a casa d'este pobre velho, e ir amanhã ao meio dia gosar um momento de um espectaculo perfeitamente desconhecido para o meu amigo?

Não achei termos sufficientemente calorosos para exprimir a minha gratidão. Tomei-lhe a dextra e apertei-lh'a profundamente commovido e despedi-me, emquanto elle, sorrindo de um modo triste e benevolo, se dirigia vagarosamente para uma estante cheia de velhos livros em pergaminho.

(Continúa)

REVISTA POLITICA

A dissolução da camara municipal de Lisboa é um facto consummado, que tem sido largamente discutido pela imprensa politica, provocando nas jornaes da opposição os artigos mais violentos contra o governo, em que a paixão politica domina cegamente, e em que se accusa o governo de obedecer a imposições do gabinete inglez.

Devemos confessar que não acreditamos em semelhantes imposições, que só se apregoam para fazer effeito e levantar odios contra o governo.

A dissolução da camara obedece muito mais a conveniencias internas do que a imposições estranhas, e isto transparece bem claramente, quando os jornaes da situação vem dizer que a camara municipal de Lisboa era um ninho de republicanos.

Crêmos bem que esta circumstancia explica tudo desde que estamos n'um paiz regido por instituições monarchicas.

O relatorio que precede o decreto de dissolução faz sentir a ruina que ameaçava o municipio pelas excessivas despezas que o assoberbavam, despezas superiores ás suas forças e a que as successivas suprimentos do governo não chegavam para fazer face.

Effectivamente o balanço apresentado ultimamente pela commissão que está administrando o municipio, veio confirmar o que se diz no relatorio citado.

O governo vae reformar a organisação administrativa da camara, cuja experiencia de tres annos que tanto são os decorridos desde que a reforma do sr. Barjona de Freitas se pôz em vigor, mostrou ser incompativel com os recursos do municipio.

Quer encaremos a questão por este lado, quer a

vejamos pelo tal ninho republicano, a dissolução está explicada independente de quaesquer imposições estranhas, e querer fazer acreditar o contrario é desfigurar os factos ao sabor das paixões ou melhor das conveniencias partidarias.

Lisboa parece que não se importou muito com a dissolução da camara, e toda a anciedade que a dominava antes do decreto apparecer, cessou com a consummação do facto.

Verdade verdade que são tantas as questões que prendem a attenção publica n'estes tempos que vão correndo, que a tal attenção não sabe bem para onde se virar que mais a interesse.

As eleições absorvem o melhor d'essa attenção por todo o paiz, e as candidaturas patrioticas dos africanistas, são motivo para as mais curiosas especulações eleitoraes.

Essas candidaturas lembradas pelos progressistas e applaudidas pelos republicanos, parece já não convirem nem a uns nem a outros, porque o governo as perfilhou, e aos nomes de Serpa Pinto, Paiva de Andrada, Alvaro Ferraz e Antonio Cardoso, oppõem-se os nomes dos srs. Bernardino Pinheiro, Elias Garcia, Latino Coelho e Manuel d'Arriaga, mandando os republicanos os africanistas para as accumulações.

Os progressistas á ultima hora protegem a candidatura do sr. Fernando Palha, ex-presidente da camara municipal de Lisboa, e em tão boas relações parecem estar com os republicanos, que conseguem sacrificar aos deuses o sr. Bernardino Pinheiro para que desista da sua candidatura em favor do sr. Fernando Palha.

Isto devia divertir muito se a occasião fosse de molde para diversões, mas infelizmente a nossa situação politica perante a Inglaterra parece que cada vez se aggrava mais, pois emquanto as negociações diplomaticas proseguem para a solução da pendencia, vem de Africa telegrammas pouco tranquillisadores que não abonam a lealdade do gabinete de S. James.

Não deve surprehender ninguem esses telegrammas falsos ou verdadeiros, porque tornamos a repetir, da Inglaterra não ha nada a esperar, e muito surprehendidos ficariamos se o governo portuguez viésse dizer ámanhã—a pendencia com a Inglaterra está finalmente resolvida com plena honra e satisfação para a dignidade do paiz. A Inglaterra reconheceu os nossos direitos e cedeu das suas pretenções.

Isto é que era uma verdadeira surpreza, mas temos os mais solidos receios de que assim se realise, apesar de todos os esforços do governo, apesar de toda a prudencia com que elle tem conduzido a questão.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Pinturas Allegoricas. Columbano Bordallo Pinheiro está concluindo a pintura de uns *panneaux* destinados á salla de baile do palacio dos srs. Condes de Valenças, ao Pau de Bandeira.

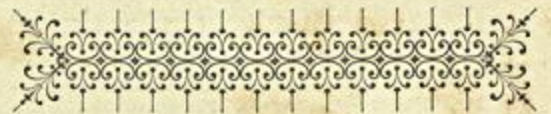
Os *panneaux* representam diversas danças antigas em que as figuras são pintadas conformes aos trajos das epochas a que essas danças se referem. Vê-se ali a pavana, o minuete, a gavota, a walsa e as quadrilhas dos principios do nosso seculo.

Depois de concluidas estas pinturas haverá que admirar no palacio dos srs. Condes de Valenças, mais uma salla decorada com arte e aprimorado bom gosto, onde já se vêem outras sallas de extraordinaria belleza, como a salla de jantar e a da bibliotheca em estylo do seculo XVII e a de leitura que é um perfeito modêlo da edade media.

Conflicto Anglo-Portuguez. *O Policia Africano*, novo jornal que se publica em Loanda, de que é redactor principal e proprietario o sr. Carlos da Silva, transcreveu em folha extraordinaria, publicada á chegada a Loanda do vapor *Angola*, o artigo inserto no n.º 397 do Occidente sob a epigraphe *O Conflicto Anglo-Portuguez — O major Serpa Pinto e os limites portuguezes em Africa.*

Ao nosso amavel collega agradecemos tão honrosa transcripção.

Concurso d'Arte. Abriu-se na Academia Portuense de Bellas Artes um concurso ao premio *Barão de Castello de Paiva*, o qual consta de um premio de 90$000 réis, conferido ao melhor quadro de assumpto biblico que concorra, ficando o quadro pertencendo do mesmo modo ao seu auctor.

Os artistas que quizerem concorrer, devem apresentar os seus quadros até ao dia 15 de agosto d'este anno, fazendo-se depois exposição publica. Um jury composto dos professores da mesma academia julgará do merito dos quadros que concorrerem.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Associação auxiliar da Missão Ultramarina. *Relatorio e contas da gerencia do anno de 1888 e 1889*, etc. por Fernando Pedrozo, secretario-adjuncto. Esta sympathica associação que tantos serviços está prestando ás missões portuguezas em Africa, lucta com a falta de recursos para o cabal cumprimento da sua missão de caridade nas possesões portuguezas no ultramar, apesar do subsidio de 1:000$000 dado pelo governo. Encarecer a utilidade d'esta santa instituição é desnecessario, porque os seus beneficios são já bem conhecidos, principalmente em Africa, o que, porém, não podemos é deixar de recommendar ás nossas leitoras a *Associação Auxiliar da Missão Ultramarina* para que lhe dispensem a sua protecção.

A Ruina da Inglaterra por Camillo Debans, traducção de Pinheiro Chagas. Companhia Nacional Editora, Lisboa. 1 vol. de 240 pag. in-8.º com uma capa illustrada de Raphael Bordallo Pinheiro. Este livro, escripto em França n'uma occasião em que este grande paiz se sentia ferido pela traiçoeira Inglaterra, é o producto d'uma imaginação exaltada pelo odio contra a Grã-Bretanha e que prevê o futuro d'esta orgulhosa potencia que, victima da sua deslealdade e prepotencia cahirá em ruina. E' um livro de combate feito com muito talento e que entre nós deve ser lido com o interesse que desperta tudo que seja contra a Inglaterra.

THEATRO DE D. MARIA II, ONDE FUNCCIONA A COMMISSÃO EXECUTIVA DA GRANDE SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

(Desenho do natural por Cazellas)

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES
25 a 43 Rua Nova do Loureiro 25 a 43